



OCIDENTAÇÃO

A direção do sol poente como forma de vida¹

Dietmar Kamper

Languedoc. É lá onde as pessoas falam o sim com uma terminação dura, sem a suavidade do “oui”². Até onde me lembro, sempre fui atraído para lá, para o Oeste, no futuro do pretérito, onde no portão do céu inscreve-se a incrível sentença: “Você não terá sido”. Não se trata de um *memento mori*, mas de algo mais difícil, da renúncia do memorial humano em pelo menos um caso. As primeiras viagens nos anos 70 foram já protestos contra isso, viagens a Mougins, Arles, Carcassone. Numa tarde de domingo, ao início do crepúsculo, foi que temeroso e trêmulo consegui realizar a descoberta do Pog, do Montségur³. Vi-o apenas de longe, com os olhos de Wolfram von Eschenbach⁴. Então

¹ Originalmente publicado sob o título „Ozidentierung: die Sonnenuntergangsrichtung als Lebensform“, em: *Der Infant, Zeitschrift für moderner, aktueller Gegenwartkunst*, 1999/2. Tradução e notas: Danielle Naves de Oliveira, 2011.

² Na trilha da Ocidentação, a demonstração geométrica dos idealistas dá lugar à vivência geográfica dos peregrinos. A descrição de viagens e lugares é, para Dietmar Kamper, mais do que recurso ilustrativo, pois diz respeito a vestígios de pensamentos marginais suprimidos pela História, em especial, à guerra milenar entre ortodoxos e hereges. Por isso o autor começa a apresentação de seu conceito de ocidentação evocando a região de Languedoc, no sul da França, e as viagens que dali seguiram. Sua busca geográfica assume sempre forma de caminhada, na qual os lugares não são meras demarcações, mas sim experimentos corporais e possibilidade de diálogo com os rastros ali deixados.

³ Pog ou Montségur: Monte localizado igualmente no Languedoc, a leste dos Pireneus e ao sul da cidade feudal de Carcassone. No século XIII, seu castelo fortificado abrigou uma importante comunidade de adeptos do catarismo, movimento cristão considerado herético pela Igreja Católica e implacavelmente perseguido pela Santa Inquisição. Durante a Cruzada Albigense, ordenada pelo Papa Inocêncio III, centenas de cátaros, incluindo mulheres e crianças, foram torturadas e condenadas a morrer numa grande fogueira coletiva no Montségur. Por este motivo, o local também é considerado monumento a esses mártires da Inquisição.





parti. Em 1980 fui pela primeira vez a Santiago de Compostela, a partir de Vézelay. Então, aconteceu-me um quarto de Van Gogh em Fauzan⁵ e permaneceu a inquietação na questão se a monstruosidade das cruzadas contra os cátaros, tal como encenada historicamente pela Igreja e pelo Estado, são mais fortes do que minhas considerações escritas sobre uma Idade Média esquecida. Isso, nos anos 70, foi ainda uma ação solitária. Nos anos 90, começo lentamente a desconfiar que o verdadeiro Oeste não é a Califórnia mas sim o Brasil, El Dorado, diante do qual a Europa em seus contornos de mapa (Alemanha, França, Espanha, Portugal) se põe de joelhos, sobre os joelhos da Itália, oh Genova, e toca a África com sua fronte. Mais tarde, o Brasil se mostra como a verdadeira terra da liberdade, na qual é possível re-signar de um novo modo, ou seja, desprezar a inaceitável sentença divina sobre a Terra e, em acordo com a própria mortalidade, rejeitar, afastar, ignorar.

Na direção do crepúsculo pode-se compreender o que significa ter um corpo no tempo e o que é ser dotado de uma percepção sem pele. Ocidentação é aceitação do tempo e um lento aprendizado de que o sentido do rastrear precede o ver, o escrever, o calcular. Isso veio à tona na conversa infinita. Corpos temporários são somente acessíveis através de uma escrita em cicatriz ao modo hieroglífico, sobre feridas curadas e em ligação íntima com o tempo dos acontecimentos. Escrita em cicatriz é um outro nome para a pele humana, o sentido dos sentidos. A pele é uma história em camadas de feridas

⁴ Trovador e cavaleiro germânico que viveu entre os séculos XII e XIII. Entre suas obras célebres está o “Parzifal”, poema épico que inspirou Richard Wagner na criação da ópera homônima. Viajante, Wolfram von Eschenbach tematizou em suas narrativas vários dos mitos existentes em torno do Montségur, sobretudo o de que em algum lugar na fortaleza dos cátaros estaria escondido o Santo Graal.

⁵ A tradução literal, neste caso, seria: “Então, aconteceu Fauzan com o quarto de Van Gogh” [*Dann ereignete sich Fauzan mit dem Van-Gogh-Zimmer*]. Sem intenção alguma à clareza, o autor faz referência a um pequeno quarto que ocupou de tempos em tempos na localidade francesa de Fauzan, do fim dos anos 80 até meados dos anos 90. O aposento, em sua simplicidade de arquitetura e guarnição, lembrava aquele retratado no famoso quadro de Van Gogh, pintor que também habitou e admirou o sul da França. Neste quarto, Dietmar Kamper recolhia-se principalmente nos verões para pensar e escrever. Agradeço essa precisão à Birke Mersmann.





passadas, perceptíveis de maneira fisio(nômica) e panto(mímica), mas não mimeticamente. De fato, a percepção está dobrada no mundo, assim como o mundo está dobrado na percepção (Merleau-Ponty). Ambos são completamente corporais e temporais. Eles não estão posicionados frente a frente como coisas prontas, finalizadas – como pretendeu o Espírito absoluto da modernidade ou como o que a Civilização científico-tecnológica realizou. Eles nada seriam um sem o outro, tal como na situação atual pode-se compreender uma estupidez indolor, que se encontra fixa entre um mundo sem espírito e um espírito sem mundo. Mas como é possível a dor engendrar conhecimento e, o prazer, inteligência? A escrita em cicatriz é um efeito, não uma intenção. Ela só se realiza além da fronteira do arbítrio humano. Aquele que a executa intencionalmente, cai inexoravelmente na monstruosidade. Sucumbe, na direção do sol poente, para Atlantis. É preciso, muito mais, uma percepção que seja sem moldura e sem margem, indignada, completamente desarmada, uma fraqueza despida de contexto protetor.

Não, não foi e não é Atlantis. Aquele modelo altamente enaltecido por todas as culturas tradicionais, que Platão legou aos primeiros retromundanos por toda a eternidade. Devido à direção, pensei assim por longo tempo. Atlantis deve ter se localizado no Oeste, mas não tem nada a ver com o Ocidente, e sim com uma sobrepujança do *Ex oriente lux!*⁶. Uma sobrepujança catastrófica: infinitamente radiante, de puro ouro, imponente, porém sucumbida em um só dia e uma só noite. Não é de espantar que os ideólogos nazistas a estilizaram como modelo de seu Reich milenar. Cada verdadeiro alemão, assim como Hitler, era herdeiro de um terreno⁷ em Atlantis. Também

⁶ “Do oriente (vem) a luz”, em latim no original.

⁷ A palavra “terreno”, aqui, não traduz suficientemente o termo alemão “Erbhof”, usado por Dietmar Kamper como referência à “Lei de Propriedades Hereditárias do Reich” (*Reichserbhofgesetz*), proclamada por Hitler em 1933, que estabelecia um grande número de propriedades rurais como herança única para o filho mais velho de certas famílias. A lei integrava um intuito político ariano maior, a chamada “Ideologia do Sangue e da Terra” (*Blut und Boden Ideologie*).





Montségur, a montanha refúgio, foi por eles tomada com júbilo. Em 16 de março de 1944, dia da comemoração de setecentos anos da queda da fortaleza, formações aéreas de uma esquadrilha mandada por Himmler sobrevoaram o local com o objetivo causar ao culto do sol uma impressão à altura. Um dos aviões levava o esqueleto de Otto Rahn de Michelstadt⁸, que desde o lançamento de seu livro “Cruzada contra o Graal”, em 1936, foi venerado como pioneiro do descobrimento de um glorioso passado não judaico-cristão. Ele próprio não pôde suportar as honrarias amargamente recebidas por ocasião de uma visita em Auschwitz⁹ e da participação numa operação da *Lebensborn*¹⁰. Cometeu suicídio em 1941 nas montanhas bávaras. O cadáver foi apreendido e abusivamente empregado em propósitos maiores.

Tal como a cabeça de São Tomás de Aquino. No início do século 14, essa relíquia foi presenteada pelo Papa ao bispo de Toulouse para que com ela se desenvolvesse, no alto castelo dos hereges, um antídoto mágico. Deu certo. Algumas décadas mais tarde, o último cátaro foi queimado publicamente. “Suma contra os gentios”. A cabeça mais inteligente da cristandade medieval utilizada como meio contra o transvio, contra a recusa

⁸ Otto Rahn (1904-1939), escritor e arqueólogo alemão, dedicou-se à pesquisa do tema do Santo Graal e da Cruzada contra os cátaros. Interessou-se igualmente pela pesquisa em Ariosofia, isto é, dos fundamentos esotéricos ou ocultistas que teriam influenciado a criação e propagação do nazismo. Seus livros *Cruzada contra o Graal (Kreuzzug gegen den Gral, 1933)* e *A corte de Lúcifer (Luzifers Hofgesind, 1937)* causaram forte impressão em Himmler, o então comandante da SS. Em 1935, foi contratado como arqueólogo oficial pelo Reich para realizar pesquisas, com subsídios militares, sobre os cátaros. As causas de sua morte não são claras, mas a teoria mais aceita é a de que Rahn teria se suicidado nas montanhas geladas da Baviera austríaca após ser denunciado como homossexual ao Führer.

⁹ O autor dá preferência à grafia AuSSchwitz, tal como se fazia no tempo do Reich, com dois “ss”, para justamente evidenciar o poder naquele momento da *SchutzStaffel*, temida unidade de segurança ligada ao partido Nacional Socialista. Heinrich Himmler foi seu principal e mais sanguinário comandante.

¹⁰ *Lebensborn Eingetragener Verein*, ou “Associação Fonte de Vida”, foi uma organização subvencionada pelo Estado hitlerista (e gerida pela SS) responsável por uma grande campanha de higienização e procriação da dita raça ariana. Uma de suas práticas consistia em incentivar mulheres arianas solteiras a engravidarem secretamente de militares SS e doarem seus filhos ao Estado. Essas crianças anônimas eram educadas sob os preceitos nazistas em orfanatos e instituições similares, cujo projeto principal era formar uma futura nação de humanos superiores.





ao pertencimento. Primeiramente em Saint Sernin e, depois, com os jacobinos, onde o relicário é exposto a cada dez anos. Será que os outros jacobinos, séculos mais tarde, souberam que estavam acertando antigas contas? Pagaram eles uma velha conta? Ou foi tudo simplesmente a mesma coisa, ou seja, a afirmação de que os vencedores estão certos e que os perdedores, apesar de sua grande esperteza, sempre acabam somente conduzindo a uma gritante injustiça? – Há tempos que a questão mais difícil, mais política, é evitar o ultraje. Como se pode evitar que se faça política com cadáveres? Como se pode evitar que se faça política com corpos vivos e mortais, assim como com seu anseio de eternidade? Como se pode evitar que o Ocidente, essa queda, esse acidente, possa ainda assim ser utilizado como orientação? Minha arriscada hipótese é a seguinte: com anseio por não-eternidade não se pode fazer política. Em louvor à mortalidade, todas as sagas divinas e heróicas caem por terra. O anonimato, o incógnito bem encenado, a permanência no recato [*Deminenz*], o “pensamento fraco” não são instrumentalizáveis. Eles são, de modo geral, imprestáveis e inúteis. No avesso da “luz vinda do Leste” há uma sombra que mantém o corpo humano vivo sem fazer concessões a religião ou a crítica religiosa. O não-catastrófico, ou seja, o não-fantástico é, porém, a pista de tal “oestidade”: aquém sem além, serenidade sem auto-afirmação, espera sem alvo, tempo medido sem eternidade.

O filme “Vertigo”, de Hitchcock, deu uma original manifestação de repúdio às enormes catástrofes de cenários de fim de mundo, tal como as que a Califórnia continua infligindo aos olhos da humanidade, lá, na muralha do Pacífico. O destino de um homem que, de modo nada superficial, mas no âmago, foi utilizado como instrumento de um crime, é representado com aerofobia e vertigem. Tropeçou-se na subida, despencou-se continuamente e mentiu-se na cara dura. “Do reino dos mortos”: a mulher loira, modelo e manequim de uma fundamental manobra de trapaça. Auto-ilusão consciente e desejada. Uma vida encapsulada no imaginário. O mestre, aliás, trucou a torre na “missão” San Juan Baptista, como percebemos ao visitar o local. Lá de cima precipita-se duas vezes a mesma





mulher, uma vez em imagem, outra vez em realidade, todavia de fato duas vezes no cinema. Na Califórnia, com tontura e medo de altura, termina meu sonho de Oriente, de imagem reconciliante. O amor não vem dos ciganos, mas da Arábia, da Espanha, do sul da França. Refiro-me ao amor pelo não-terrestre, que Dante mais tarde irá montar como uma caixa de madeira em sua *Divina Comédia* e que no romantismo europeu, no surrealismo e na fábrica de sonhos cinematográfica norte-americana toma dimensões de caixão, preparado para uma amante que sempre esteve morta. O mito de que, com a luz, pode-se festejar triunfo – triunfo sobre o corpo que vem do crepúsculo, do sol poente, da noite – foi desmentida em Hollywood e em Palo Alto. Através do iluminismo californiano, foram desapropriados o cérebro e o sexo de homens e mulheres. As últimas grandes descobertas na linha da mania de eternidade: a pílula e o computador, a pornografia e a corrida espacial afastaram o desejo corpóreo, destituíram-no do poder, esvaziaram-no e o abandonaram como um deserto. O deserto foi trapaceado e o mundo foi achatado em pura imagem de mundo. Com toda inocência, claro. Afinal, a florida juventude californiana, então ocupada com o conseqüente exagero da cisão cartesiana, estava totalmente sem noção. Em termos de emancipação, assim como o Scotty de Hitchcock, eles não entenderam nada do que estava acontecendo. Na muralha do Pacífico tem fim o Juízo Final europeu do espírito, tal como tramado pelo homem de Aquino, o “touro siciliano”¹¹.

Gianni Vattimo entende por ocidentação um “pensamento fraco”¹², ou seja, despotencialização das forças européias. Segundo sua tese fundamental, as vitórias

¹¹ Touro siciliano ou touro de bronze: método de tortura e execução da Antiguidade greco-romana, considerado até hoje como um dos mais cruéis já criados pelo homem. O torturado era colocado dentro de uma escultura oca de um touro em bronze, com apenas duas aberturas, e posicionado sobre uma fogueira em praça pública. O aparato funcionava mais ou menos como uma panela de pressão, cujos pequenos orifícios serviam apenas para ressoar os terríveis gritos do condenado.

¹² A tese de Gianni Vattimo que contrapõe um pensamento fraco ou débil (de tendência marginal, movente e desvinculado de fundamentos ontológicos) a um pensamento forte (de filiação metafísica, ideológica e ortodoxa) foi exposta inicialmente em sua obra *O fim da modernidade* (1985).





tiveram, sem exceção, efeitos devastadores. Todas as conquistas, sejam do entendimento, da razão ou da faculdade da imaginação, foram lançadas acima de seu cume e, deste modo, se deram mal. As forças produtivas se transformaram em forças destrutivas, não pelo fato de terem fracassado em sua missão mas, ao contrário, por terem sido terrivelmente bem sucedidas. Isso ainda não chegou de modo algum à consciência. O rumor das fraquezas esquivadas é continuamente renovado. Continua-se querendo bater com a cabeça na parede. Continua-se querendo ser vencedor, mas talvez somente naquilo que for objetivamente arruinador tanto para o homem quanto para o mundo. A Europa, em seus desempenhos positivamente avaliados, está arruinada. Não foi preciso fazer nada além de estar decidido, deixar-se tomar na encruzilhada de sua decisão e, com absoluta responsabilidade, seguir os objetivos propostos. Então, estava garantido o fracasso. Mas isso não foi e não é percebido como derrota, mas sim instantaneamente transferido para um mito de indubitável maestria e dotado de glória radiante. Fracassaram todas as pessoas ilustres da Europa que, devido ao desconhecimento de sua “verdadeira” atuação, foram exaltadas com falso reconhecimento. Isso vale igualmente para aqueles que se recusam veementemente a se transferir para o Olimpo e serem venerados como fonte de salvação e luz. Eles não escaparam à assimilação da técnica de adulação. A vitória do sol sobre as trevas não podia, de modo algum, ser ofuscada. O puro fato de um crepúsculo solar é para os europeus, campeões mundiais da luz, literalmente insuportável.

Continua aberta a questão de como é possível uma crítica à exaltação de forças que não seja redutora. Nietzsche não tinha idéia das dificuldades que surgiriam com a “transvaloração de todos os valores”. Pois não se trata de pura oposição. Os últimos não serão os primeiros. Os pecadores de ontem não são os santos de amanhã. Os perdedores da história não podem simplesmente se tornar os novos senhores. Os críticos do poder são, caso o forem, os poderosos e acrílicos por excelência. Os hereges, tão logo tomem a palavra, se transformarão inevitavelmente em ortodoxos cujas práticas serão as piores de todos os tempos. E as fraquezas emergidas das guerras da história continuam cobertas





por insulto e vergonha, tanto que seria preciso primeiro libertá-las, assim como se liberam as ossadas dos antepassados das rochas sedimentares de sua história subterrânea. Seria muito mais importante haver um outro modo de lidar com as virtudes pagãs e cristãs, com sabedoria, coragem, prudência e justiça, amor, esperança, inclusive por aqueles que já ultrapassaram tanto a afirmação quanto a negação do mundo tal como ele é. Igualmente agora, numa negação da negação, cuidar para não cair no enfastiante e notório bramido do asno¹³. A estrela-guia ainda é o sol, mas não mais o nascente e sim o poente. Pela qual todo pathos é inoportuno. Em vez de continuar seguindo a metafísica: um fracasso não patético, uma derrota concluída, uma renúncia à exigência do “para todo o sempre”, uma sussurrante disposição à paranóia, nem que seja durante o curto instante de seu desabamento (Adorno). Outra percepção da noite vindoura seria necessária: ela não é o oposto do dia, mas sim aquilo que o circunda, seu invólucro permeável. Tal como o caos para a ordem. Tal como o invisível mantém no visível sua fronteira interior, interface de corpo e imagem.

Isso significa re-signação, remoção da assinatura, e mais ainda retirada da sentinela exterior da assinatura antropológica, do poder humano significador que até pouco tempo se encontrava infinitamente inflado. Eis o lema: aquilo que de todo modo já acontece como efeito da consciência ou da vontade, mas que a partir dali é desmentido, reprimido, rejeitado, é melhor fazer agora conscientemente e com vontade! Aceitar finalmente a enorme inadequação dos gênios e engenheiros com relação ao mundo por eles mesmos criado. Marcar e demarcar a fronteira intransponível do arbítrio humano. Os perdedores venceram, mas ainda não sabem. A lógica avassaladora da história, essa compulsão a expandir o mundo numa homogeneidade infinita, não pode ser abandonada pelo lado dos vencedores. Eles atolam na lama sua mania de onipotência. A dialética do

¹³ I-a I-a, bramido do asno, som que ao acaso reproduz foneticamente a palavra “Ja”, sim, em alemão. Por isso, tende-se a interpretar um simples urro animal como um sim. O tema foi também abordado por Nietzsche em seu *Zaratustra* nas seções “Do espírito da gravidade”, “O despertar” e “A festa do burro”.





senhor e do súdito só pode ser abandonada pelo lado do “súdito” que renuncia tornar-se “senhor”. Isso se percebe, por exemplo, em São Paulo. Permanente apresentação da sentença: “Ninguém pode servir a um só senhor” (Bataille). Performance de um retrocesso de retrocessos. É preciso hoje aprender a pensar com a cabeça destrocada, do mesmo modo que outrora se aprendeu a viver com o coração partido. Talvez seja isso o mundo virtual das telas que se esticam para, mais uma vez, iludirem: uma cabeça! um espírito! um depósito! Talvez a tela onipresente seja também uma superfície sobre a qual a verdade ocidental se manifeste: onde, de fato, o imaginário produzido do mundo, em todos os lugares e em todos os tempos, represente uma crucificação do real. São Paulo, há muito tempo, já realizou a demonstração da sentença anti-paulina: “O espírito mata, a letra vivifica”.

Pela primeira vez, na primavera de 1980, fazendo esse mesmo tipo de frases, partimos de lugar em lugar, da estrada de Vézelay atravessando a neve do Massivo Central até os Pireneus e, em seguida, percorrendo do Camino Francés até Santiago de Compostela, São Jacob da Via Láctea. Na segunda vez, em 1990, viajamos diretamente para o interior, na miséria da despedida vindoura e sem nenhuma precaução em relação à paisagem, tampouco em relação ao “Andaluz”. Na estrada entre Córdoba e Granada, lá, onde – segundo a admissão de Dali – Frederico Garcia Lorca¹⁴ foi pego para execução, o cão andaluz, declarei minha aprovação ao suicídio, ao assassinato de si mesmo tal como, desde então, a estratégia da “radical-idade” tem tomado forma. A terceira e última vez, primavera de 2000, destinou-se apenas ao exterior, à superfície das coisas e à ironia que rompeu com nossas exigências, inclusive quando da primeira e da segunda vez. Dirigimo-nos novamente a Santiago, de costas para o sol nascente, sentindo a certeza de que o

¹⁴ Lorca foi executado perto de Granada em 19 de agosto de 1936 durante a Guerra Civil Espanhola. Rompeu sua amizade com Buñuel e Dalí em 1929 quando do lançamento do filme *Um cão andaluz*. Ele teria, até o fim de seus dias, acreditado que o filme seria uma sátira a seu respeito, já que ele mesmo respondia eventualmente pelo apelido de “O Andaluz”.





crucial não se dá mais através da confrontação. As costas do ser humano, parte invisível do corpo, não são um órgão, mas sim arquivo e memória da longa história da humanidade – e desde o momento em que nos tornamos eretos. Como é possível captar e manter um rastro para essa verdade do corpo sem órgãos e para suas múltiplas intervenções no campo do visível? Como é possível negociar como se não estivesse negociando? Como se pode sentir como se não estivesse sentindo? – Não se trata de “como se”, mas sim da expulsão de campo que cada contemporâneo atual vivencia, ou seja, contra a qual aprendeu a se impor. Somente após isso é possível reconhecer a derrota como derrota e transformar o devastador em material genuíno de um novo tornar-se ereto.

Nós sabemos que uma vez não éramos. Sabemos que algum dia não mais seremos. Mas o que significa, aqui, saber? E o que significa, aqui, nós? – É algo que só sabemos às vezes e, de modo algum, sempre. A geralmente aceita cultura do esquecimento, que há tempos bloqueia cada lembrança e cada repetição, cuida para que o ponto morto compulsivo do tempo não deixe ninguém de fora. Somente sob a extrema ameaça do não ter sido, de modo algum e jamais, a ocidentação entra em jogo. O culto ao sol, que nos auxilia a nos erguermos, desmantela-se e deixa-nos para trás sozinhos. Na ocidentação não existe nenhum nós. Cada um é por si e solitário, desesperançado em relação ao céu e sem nenhum ouvido para seus lamentos sobre imortalidade para sempre desperdiçada. Contudo, isso não é ruim. A confiança de Goethe de que a toda a abóboda solar pertence a Deus pode ser substituída por outra certeza: o Oriente é de Deus; o Ocidente, por sua vez, pertence ao homem que não quer ser divino, que fica pela primeira vez sob o sol com seu corpo ereto e cabeça descoberta e dirige seus olhos para a meia-noite. É possível que tal mensagem já tenha algum dia existido: na Galícia e na Bretanha existem por toda parte labirintos da Idade da Pedra. O labirinto não é um signo de eternidade, nenhum signo eterno, tampouco um signo, mas sim uma prova de que a imortalidade é filha da mortalidade, de que a luz perene provém da escuridão do instante e de que a completa perfeição é uma variável dependente do imperfeito. A coisa não é como se pensa. O





espírito absoluto provém do corpo. Em sua falta de corporeidade ele estaria condenado à morte eterna, à vida eterna. O que, no entanto, significou: não poder viver nem morrer, nunca mais.

Só pude vivenciar o significado exato disso mais tarde, na costa do Brasil, Barra do Sahy, diante dos “portões” de São Paulo. O tema era “costa”, isto é, a modalidade da costa ou, melhor ainda, “coastness”¹⁵. A costa, essa delgada faixa de vida entre rochedo e oceano, dá a terra e o mar à luz. Com relação à aparência normalizada, trata-se precisamente do contrário: nas coisas da vida, milagrosamente, a causa sempre é a consequência. Ela só aparece no final. E a(s) costa(s) sobre as quais isso se inscreve são as do outro. Não está no céu. E não é uma ameaça, mas fonte da dor e do prazer da vida. Somos animais que sabem que um dia não eram e que, um dia, não mais serão. E o sabemos ao modo da “costidade”, do sol ardente, do infinito quebrar das ondas, da pedra incendiada, da areia, das cinzas. Sabemos disso estáticos e desprovidos de imagem. Houve uma visão em labaredas, surgida na Occitania medieval, a iluminar o Ocidente longínquo: Miraval e Apamée¹⁶, um roteiro de filme, reproduziu esse enorme terror ocular do Midi¹⁷ que me acontecia. A imaginação da ardente amada naquele momento era vida. Igualmente aqui um *Mene Tekel Upharsin*¹⁸, pesquisa fantasma e estenografia. E também

¹⁵ “Costidade”, tradução para “coastness”, palavra pouco usual mesmo em inglês. O autor trabalha com a ambigüidade semântica entre costa (marítima) e costas (do corpo humano), cuja diferença em português se dá apenas pelo “s” no final.

¹⁶ *Miraval e Apamée*: obra inédita que reúne parte da correspondência entre Dietmar Kamper e Birke Mersmann, cuja organização toma a forma de um roteiro de filme. Os nomes que dão título ao livro são referência a um hipotético Guillaume de Miraval, sobrinho do célebre trovador Ramon de Miraval (que viveu em Languedoc entre os séculos XII e XIII), e sua amada Jeanne d’Apamée.

¹⁷ Midi-Pyrénées, departamento francês a oeste de Languedoc.

¹⁸ *Mene Tekel Upharsin*, de acordo com o livro bíblico de Daniel (5:1-31), Baltasar, rei da Babilônia teria se deparado com a misteriosa inscrição em hebraico sobre sua parede. Desejoso de tradução e interpretação, mandou chamar pelo então prisioneiro judeu Daniel que, ao ler a expressão, profetizou a decadência do império babilônico e o assassinato iminente de seu soberano.





sem nenhum rastro de além. Sem fanatismo e sem catástrofe final. Porém, a inscrição na porta do céu só pôde ser compreendida quando traduzida na escrita em cicatriz destas costas únicas.

Otzberg em Odenwald, 16.3.1999

